

# O bipartidarismo ainda tem futuro nos EUA?

Daniel Cunha Rego

Numa live, dois jovens *youtubers* discutem trechos do recém-lançado livro do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. “Meu deus, ele é péssimo! Eu odeio Obama!”, comenta decepcionado um deles. “Tem partes piores”, diz sua colega (OBAMA’S, 2020).

O que pode parecer, à primeira vista, uma conversa entre dois representantes da direita é, na verdade, o programa de debates da comediantes e ativista progressista Katie Halper. Ela faz parte de um grupo de jovens desiludidos com os rumos do partido Democrata e que entendem que há uma “guerra civil” em curso pelo controle do partido: os corporativistas tradicionais centristas contra os progressistas ou socialistas, cuja liderança espiritual varia entre Bernie Sanders, Tulsi Gabbard e Alexandria Ocasio-Cortez.

O diagnóstico básico é que o partido democrata não é mais popular, mas sim uma extensão dos interesses corporativos de Wall Street, Big Pharma e, mais recentemente, do Vale do Silício. Os republicanos, liderados pelo populismo trumpista, ocuparam esse espaço nos votos dos trabalhadores, principalmente os *blue collar workers* do cinturão da ferrugem, ao fingir representar seus interesses e, pior, fizeram-no melhor que Clinton e Obama.

## “O que é melhor para os progressistas? Uma vitória de Trump ou Biden?”

O título do vídeo de Kim Iversen (WHICH, 2020), comentarista política e radialista, parece inusitado para um país tão polarizado. Uma progressista cogitar apoiar Trump pode ser considerado pecado capital, justamente quando as eleições ganharam um ar de disputa civilizatória dos dois lados do espectro. Mas Iversen, que não esconde seu apoio por Tulsi Gabbard nas primárias, se classifica como uma “reducionista econômica”. Para ela, a guerra cultural em voga no país é uma distração para não permitir políticas

realmente inovadoras, como educação superior gratuita e saúde universal. “Que políticas [os democratas] propõem para consertar todo esse racismo e preconceito? Eles não têm políticas”. Sobre Trump, a comentarista minimiza sua demonização, rejeitando o rótulo de “fascista” ou a insinuação de que a democracia vive uma “crise existencial” no país: “O *establishment* democrata sempre diz isso para que votem neles” (*ibid.*).

Para Iversen, Biden representa a direita corporativa e não traria benefícios aos progressistas. “Ele não vai implementar políticas progressistas, não vai acabar com as guerras. Tudo que fazem são mudanças incrementais, que não desagradam seus doadores”. Seu raciocínio é: caso Trump ganhe, os democratas precisarão reconhecer a necessidade de mudança, de falar diretamente com o povo com políticas de bem-estar econômico.

## **A guerra que deve ser ganha por dentro**

Kyle Kylinski é filiado ao partido democrata. Para ele, o sistema político-eleitoral dos EUA favorece estruturalmente o bipartidarismo: todos os outros são sistematicamente boicotados, apartados de espaço midiático e carentes de recursos financeiros. A “guerra civil”, interna ao partido, é a maneira mais eficiente que os progressistas têm para chegar ao poder. É preciso lançar candidatos nos distritos congressionais, é preciso desafiar o *establishment* corporativista. Mas não descarta, caso seja viável, a criação de um partido concorrente e repete seu mantra: “tudo é sobre políticas públicas” (JOE, 2020).

Kylinski fala bastante de um presidente em particular: Franklin Delano Roosevelt. Conhecido como FDR, teve o maior mandato da história do país, permanecendo no cargo por 12 anos, até sua morte. É conhecido por ter implementado o *New Deal*, programa de estímulos públicos de inspiração keynesiana que levou os EUA a um período de grande prosperidade após o desastre da crise de 1929. Biden, para Kylinski, certamente não está à altura desse legado.

## A coalizão de Biden é sustentável?

Na convenção democrata que nomeou Biden, Ocasio-Cortez fez o gesto simbólico de apoiar Sanders, destacando a existência de um “movimento que entende a brutalidade insustentável de uma economia que premia desigualdades obscenas para os poucos às custas da estabilidade de longo prazo para os muitos”. Mesmo assim, o candidato derrotado nas primárias apoiou seu colega de partido e é inclusive cotado para a vaga de secretário do emprego, posição que afirma aceitar caso tenha sob seu poder “um portfólio que permita lutar pelas famílias trabalhadoras” (GRAYNER; KELLY, 2020).

Joe Biden conseguiu montar uma coalizão contra Trump, agregando vários setores relutantes da esquerda considerada radical. Mas assim que a “trégua eleitoral” passou, a disputa interna voltou a se acirrar (GODFREY, 2020). Diante dos resultados mais parcos do que o esperado – o partido, além de não conseguir ganhar maioria no Senado, manteve por pouco sua preponderância na Câmara – o racha interno já começa a se evidenciar nos diagnósticos oferecidos. Enquanto para centristas, como a deputada de Nova Jersey, Abigail Spanberger, a performance aquém do projetado está na conta da ala liberal e de reivindicações de movimentos como *Black Lives Matter*; para Ocasio-Cortez, o partido falhou em atingir os eleitores jovens com propostas de mudança real e em não levar a sério a campanha no porta-a-porta e na internet (HERNDON, 2020; BROADWATER; FANDOS, 2020).

O governo Biden, no entanto, permanece sem identidade. Seguindo a tônica da política pós-moderna na qual estamos já invariavelmente imersos, os eleitores estadunidenses precisaram se contentar com uma anti-campanha cuja principal promessa é retornar o país para uma suposta normalidade pré-Trump. Mesmo após o resultado das urnas, a pergunta “O que será o governo Biden-Harris” permanece indefinida. O presidente eleito afirma a importância do meio ambiente, mas nega o *green new deal* e apoia o *fracking*; diz apoiar a igualdade racial e de gênero, mas não propõe políticas de compensação e equalização econômica; ressalta a necessidade de se combater a

pandemia, mas rejeita a saúde pública universal; compreende a urgência de retomar as alianças estremecidas com o Ocidente democrático, mas não deixa claro se vai remover ou não tropas do Oriente Médio (ELKID, 2020).

A ala mainstream do partido resiste à renovação. A maioria republicana no Senado, inclusive, pode atuar como uma aliada inusitada do centrismo democrata que rechaça nomeações como a de Sanders na Casa Branca: a pouca representatividade da esquerda no governo pode ser facilmente justificada pelo discurso oficial com o argumento de que esses nomes não passariam pelo escrutínio do presidente republicano do Senado, Mitch McConnell (IVERSEN, 2020b). A continuidade da liderança de Nancy Pelosi é mais um sinal de que, apesar de ter crescido, a esquerda do partido democrata ainda não está convidada para a “salinha das decisões”. Resta saber se serão sufocados, chutarão a porta ou repetirão o ato do Terceiro Estado francês.

## **E no outro lado?**

No outro lado da avenida, o partido Republicano enfrenta uma de suas maiores crises. Uma bomba relógio que apenas espera o 20 de janeiro para disparar. Enquanto alguns republicanos proeminentes, como o ex-governador do estado de Ohio, John Kasich, saíram em defesa de Biden há mais tempo, a derrocada de Donald Trump promete criar uma cisão ainda mais grave no partido vermelho (R.I.P., 2020). Apesar da rejeição nas urnas, o presidente ainda tem uma base consideravelmente grande e, pior, fanatizada.

A emissora direitista Fox News parece ter sido uma das primeiras baixas. Apesar de seu contínuo suporte ao presidente durante os últimos 4 anos — ele era convidado frequente no matinal *Fox and Friends* — a emissora reconheceu a óbvia vitória de Joe Biden, ainda não admitida pelo republicano. Como resultado, passou a ser virulentamente criticada nas ruas por manifestantes trumpistas que gritam fraude eleitoral (WADMAN, 2020). A narrativa conspiratória que envolve elementos tão díspares como *deep state*,

pedofilia, Hollywood e China agora se adapta e joga a antiga aliada na posição de pária.

Isso, no entanto, é apenas o começo do que promete ser uma ruptura bem mais radical do que a experiência do *Tea Party* durante o governo Obama. Nos últimos quatro anos, o partido Republicano esteve intimamente ligado à figura de um homem que agora se recusa a honrar a tradição secular de transições pacíficas de poder (WEAVER, 2020). Ainda é, certamente, muito cedo para que possamos dimensionar essa cisma, mas não se pode descartar que Trump leve com ele boa parte do eleitorado republicano ou, no pior (e mais provável) dos casos, sequestre o próprio partido (BLEIKER, 2020).

### ***JustSayNoToDonaldAndJoe?***

“Somos sistematicamente boicotados”, avalia Kim Iversen (WALL, 2020) diante da suposta censura da *hashtag* *JustSayNoToDonaldAndJoe* por parte do Twitter e da remoção do perfil @articlesofunity. Apesar da dupla recusa expressa na *hashtag*, promovida pelo grupo Articles of Unity (UNITY 2020, s.d.), não é fácil se despir do fardo secular de um bipartidarismo tão bem albergado nas instituições e práticas políticas dos EUA.

O governo Biden-Harris apresenta uma proposta de moderação e, em última análise, de volta à normalidade institucional do Império. No entanto, um partido Republicano que terá que encontrar rumos e lideranças na era pós-Trump; e um partido Democrata que tentará aplacar – ou sufocar – suas dissidências internas podem colocar em xeque esse retorno à idílica Arcádia imaginada do passado. Uma classe trabalhadora cada vez mais empobrecida e uma juventude com perspectivas econômicas pífiás são elementos de desestabilização do “sonho americano” – ameaçado, para uns, pela transição hegemônica e, para outros, pela própria estrutura corporativa de Washington-Wall Street.

Na política pós-moderna (que beira à antipolítica) potencializada pelas redes sociais, só dizer ‘não’ pode viralizar e gerar engajamento. No entanto, a pura negação raramente é produtiva: é, aliás, o oposto da ação, pressuposto básico da política. As

limitações estruturais e as ameaças externas enfrentadas pela superpotência mais poderosa que a humanidade já viu não são pequenas e exigem um projeto assertivo de renovação. As propostas passadistas de Biden e Trump não parecem estar à altura da tarefa, mas a negação de ambas é tão somente o primeiro passo.

## Referências

BLEIKER, C. After Trump's loss: What does the future hold for Republicans?. **DW**, Washington, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3lGuf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

BROADWATER, L.; FANDOS, N. Amid Tears and Anger, House Democrats Promise 'Deep Dive' on Election Losses. **The New York Times**, Nova Iorque, 5 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/11/05/us/house-democrats-election-losses.html>. Acesso em: 5 dez. 2020.

ELKID, E. What is fracking, and where do Trump and Biden stand on it?. **CBS News**, Chicago, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/trump-biden-what-is-fracking/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

GODFREY, E. The Democratic Truce is Over. **The Atlantic**, Boston, 10 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2020/11/conor-lamb-aoc-democrats-fighting-socialism/617045/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

GRAYER, A.; KELLY, C. Bernie Sanders says he would accept Labor secretary job if Joe Biden asks. **CNN**, Atlanta, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/11/11/politics/sanders-labor-secretary-biden-cnntv/index.html>. Acesso em: 5 dez. 2020.

HERNDON, A. Alexandria Ocasio-Cortez on Biden's Win, House Losses, and What's Next for the Left. **The New York Times**, Nova Iorque, 7 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/11/07/us/politics/aoc-biden-progressives.html>. Acesso em: 5 dez. 2020.

JOE Biden Lays Out His Economic Agenda. 20 nov. 2020. 1 vídeo (6m18s). Publicado no canal Secular Talk. Disponível em: <https://youtu.be/gQ1iFaXU1z0>. Acesso em: 5 dez. 2020.

OBAMA'S Book Sucks: A Reading. [S. l.: s. n.], 19 nov. 2020. 1 vídeo (7min 40s). Publicado pelo canal Katie Halper.. Disponível em: <https://youtu.be/580bLHtXreA>. Acesso em: 5 dez. 2020.

R.I.P., G.O.P.: The Party of Lincoln had a good run. Then came Mr. Trump. **The New York Times**, Nova Iorque, 24 out. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/10/24/opinion/sunday/trump-republican-party.html>. Acesso em: 5 dez. 2020.

UNITY 2020. A plan to save our republic. [s.d.]. Disponível em: <https://articlesofunity.org/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

WADMAN, Paul. The Republican Party's future: Being terrorized by its unhinged base. **The Washington Post**, Washington, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2020/11/20/republican-partys-future-being-terrorized-by-its-unhinged-base/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

WALL Street To Shape The Biden Administration. [S. l.: s. n.], 9 nov. 2020. 1 vídeo (29m28s). Publicado no canal Kim Iversen. Disponível em: <https://youtu.be/aFV-oOMxjzc>. Acesso em: 5

dez. 2020.

WEAVER, Courtney. Anti-Trump Republicans map an uncertain future. **Financial Times**, Londres, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/6e7cda10-f58a-4e3e-b2b0-0d577bf3b2ef>. Acesso em: 5 dez. 2020.

WHICH Is Better For The Progressive Movement? A Trump Or Biden Win?. 25 set. 2020. 1 vídeo (55m32s). Publicado pelo canal Kim Iversen. Disponível em: <https://youtu.be/SF-BJbAA0vg>. Acesso em: 5 dez. 2020.